

A NOVA AMÉRICA E A VELHA EUROPA

por Mário Soares

1. Não há dúvida que Barack Obama está a mudar profundamente as políticas e a posição da América no mundo. É outro discurso, outra visão, estilo, comportamento e conteúdo, quer no plano nacional quer internacional. Quem acompanhou, com atenção, os últimos anos do mandato de Bush, sabe que o descrédito da "grande América", no plano da política global e regional, da moralidade pública, do descalabro financeiro e económico, do desânimo de um Povo, essencialmente dinâmico e voltado para o futuro, o fracasso da "guerra" contra o terrorismo, como lhe chamava Bush, não podiam ter descido mais baixo. Nos últimos séculos a América tinha sido uma referência, pelo seu pioneirismo, pelo culto das liberdades, políticas e religiosas, pelo seu way of life, com altos e baixos, obviamente. Contudo, Bush deu cabo disso tudo, pelos erros fatais que cometeu e deixou cometer, pelo seu fanatismo religioso, pela sua cega confiança na "mão invisível" do mercado, sem regras éticas, e na globalização neo-liberal que só favorecia os muito ricos, países e pessoas, ignorava ou desprezava os pobres, as desigualdades sociais, como se fossem uma fatalidade. A sua intolerância evangélica levou-o a desprezar e humilhar o Islão, como um inimigo da América, que nunca foi.

Apesar de tudo, o Povo Americano, demonstrou ter o bom senso - e o dinamismo - de reagir, elegendo um afro-americano Presidente dos Estados Unidos, com uma vasta cultura humanística e jurídica, curioso e conhecedor da história americana, como poucos, e, ao mesmo tempo, das relações de força internacionais, em acelerada mudança: Barack Hussein Obama, uma figura de excepção, política e humanamente!

Há cerca de quatro meses, na cerimónia de posse, prometeu solenemente que "com ele, iríamos entrar numa nova era". E tem vindo a cumprir, apesar das tremendas dificuldades da pior crise que o capitalismo jamais conheceu. A cumprir, no plano interno, visto ter restabelecido a confiança dos americanos neles mesmos - e o orgulho de o serem - o que é extremamente importante, apesar da retoma económica, até agora, só ter dado ainda ténues sinais. E no plano internacional, procurando dar um novo impulso às Nações Unidas, às Organizações Financeiras Internacionais, à América Latina, incluindo Cuba, à qual abriu portas importantes, à velha Europa, não a nível dos governos, infelizmente, mas da opinião pública europeia, para quem se tornou uma referência, e o está a ouvir e entender. No Próximo Oriente (de que falarei adiante) também e bem assim aos países emergentes, particularmente a China e a Rússia, que ainda não visitou, mas que já perceberam, claramente, que, com Obama, os dados fundamentais da política internacional mudaram e vão ainda mudar muito mais.

2. O discurso que Obama fez na Universidade do Cairo foi notabilíssimo, de uma clareza meridiana. Constituiu uma mão estendida ao Islão, como base num novo relacionamento, na igualdade, na solidariedade e no respeito mútuo. Falou em nome dos americanos muçulmanos, que ocupam um lugar importante no melting pot americano, evocando a parte de sangue muçulmana

que corre nas suas veias, por via do pai, e da sua infância na Indonésia, onde estudou o "santo" Corão - a expressão é dele - embora se confesse cristão.

Mas, para além, da mão estendida ao Islão, também não deixou de fazer uma séria condenação ao "terrorismo islâmico" - pelos actos intoleráveis de violência cometidos - embora esteja implícito, nas suas palavras, que o combate ao terrorismo, mais do que com a força bruta militar, se vence com inteligência, falando de igual para igual, sem humilhações nem ameaças. Insistiu, mais uma vez, que o conflito Israelo-Palestiniano - que se situa no epicentro das violências e dos ódios que se opõem no Próximo Oriente - só se resolve com o reconhecimento mútuo dos dois Estados autónomos, que devem conviver em paz e segurança: Israel e Palestina.

Nesse sentido, o discurso do Cairo foi ouvido e estudado à lupa em Israel. Não mereceu ainda uma palavra da parte do Likud, o partido conservador tradicional de Israel, aliado agora aos mais radicais e intolerantes israelitas. A política suicida que tem seguido - desde a invasão do Líbano aos terríveis bombardeamentos da Faixa de Gaza - põem em causa a sobrevivência do Estado de Israel. Ora Netanyahu sabe bem que, em matéria de sobrevivência, só quem a pode assegurar são os Estados Unidos e, na nova era Obama, o poderosíssimo lobby judaico, está dividido em pombas e falcões. Daí o silêncio e alguma perplexidade...

3. Obama visita de novo a "velha Europa". Desta vez privilegiou a Alemanha, onde teve uma conferência de imprensa importante em Dresden com a Senhora Merkel e depois visitou, simbolicamente, o campo de concentração nazi de Buchenwald, acompanhado, também, do grande escritor e filósofo judeu Elie Wiesel, sobrevivente de Buchenwald e prémio Nobel da paz. Obama falou do horror do holocausto, comentando uma frase insensata, atribuída ao presidente do Irão, dizendo que "só os ignorantes negam factos comprovadamente históricos"... A seguir participou na Normandia, na comemoração do desembarque aliado, em 6 de Junho de 1944, que marcou a última fase da II grande guerra e custou pesadas baixas aos Aliados.

No entanto, nem na Alemanha nem na França, houve conversações políticas sérias com os respectivos presidentes: a Chanceler Merkel e o Presidente Sarkozy. Com o primeiro ministro, Brown, e o Príncipe Carlos, também presente, não houve tempo sequer para qualquer conversa. A verdade é que o estado de agonia do Governo inglês não ajudaria nada... O Presidente Sarkozy ainda convidou Obama para um jantar íntimo dos dois mediáticos casais. Mas Obama recusou o convite mundano, preferindo deambular por Paris...

Em resumo, pela segunda vez, os principais dirigentes europeus parecem não estar sintonizados com o pensamento inovador do Presidente dos Estados Unidos, nem quanto às medidas para vencer a crise global, nem quanto ao papel que a União Europeia deve desempenhar no novo contexto global, que se prepara. Uma tristeza! Valha-nos a opinião pública europeia. Essa, ao contrário dos seus dirigentes, parece entusiasta de Obama, compreende e aprova o caminho que está a percorrer, sem perda de tempo, e que se a União não quiser entrar em irremediável decadência, precisa de acertar o passo com Obama e alinhar na nova era que ele preconiza: mais diálogo, mais democracia, mais valores éticos, mais defesa do ambiente e mais igualdade social, além de um novo paradigma financeiro e económico.

4. Os resultados das eleições europeias foram particularmente decepcionantes em muitos países da União Europeia. Talvez com a excepção dos países escandinavos (Suécia e Dinamarca) e da Grécia. O desencanto crescente do eleitorado europeu, em relação aos seus dirigentes, que se manifestou numa taxa de abstenção média de mais de 60%, exprime uma dúvida enraizada: porque razão votar nestas eleições, em que a vontade popular conta tão pouco?

Perante a crise generalizada que afecta todos os Estados da União, embora de uma forma desigual, pareceu aos eleitores euro-cépticos natural que o debate político se centrasse, em cada país, nas questões internas nacionais, e que o projecto comunitário europeu - e o futuro da Europa - como entidade global - surgissem como secundários e distantes. Por isso a lúcida jornalista portuguesa, Teresa de Sousa, intitulou a sua crónica de ontem com uma frase que constituiu uma síntese feliz do que se passou: "A Direita ganha mas a Europa perde". Foi o que aconteceu nas eleições do Domingo passado, como o futuro demonstrará. Digo-o como europeísta e em consciência, com o respeito que me merecem, os ganhadores portugueses do PSD e do CDS/PP e, no outro extremo, do Bloco de Esquerda.

As eleições europeias são efectivamente diferentes das legislativas e das autárquicas que se lhe seguirão, este ano, em Portugal. Mas criaram condições para que se possa vir a estabelecer, se não houver cuidado, uma dinâmica contrária ao PS e ao seu Governo. Daí que obriguem os eleitores de Esquerda - todos - a reflectir quanto à estratégia que lhes convém adoptar para não avolumarem a vitória da Direita nos próximos actos eleitorais. Em tempo de crise tão grave, como aquele que vivemos, seria perigoso que isso acontecesse. Lembremo-nos dos anos trinta do século passado e dos ensinamentos que nos deixaram. Por isso ouvi, com gosto na TV5 (francesa), Cohn-Bendit, um dos vencedores (relativos) da noite eleitoral de Domingo, em França, fazer um apelo à União de Esquerda. Porque, com efeito, a Esquerda dita radical cresce, quando o PSE (os partidos do socialismo democrático) perdem em toda a Europa, com pouca excepções. Mas para que lhes serve essa vitória - dir-se-ia à Pirro - se quem ganha, efectivamente, é a Direita, onde há, infelizmente, tantos núcleos euro-cepticos, xenofobos e neo-cons?...

Lisboa, 9 de Junho de 2009